

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CAMPUS VII – CODÓ
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
NATURAIS/BIOLOGIA

ANA GLIZELDA OLIVEIRA DA SILVA

BULLYING E EDUCAÇÃO: PERCEPÇÕES E DESAFIOS POLÍTICOS-
PEDAGÓGICOS NA ESCOLA PÚBLICA

CODÓ/MA

2021

ANA GLIZELDA OLIVEIRA DA SILVA

BULLYING E EDUCAÇÃO: PERCEPÇÕES E DESAFIOS POLÍTICOS-
PEDAGÓGICOS NA ESCOLA PÚBLICA

Trabalho de Conclusão de Curso-TCC,
apresentado ao Curso de Licenciatura
Interdisciplinar em Ciências
Naturais/Biologia da Universidade Federal
do Maranhão–UFMA/Campus VII Codó,
como requisito parcial para a obtenção do
grau de Licenciada em Ciências
Naturais/Biologia.

Orientador: Prof. Dr. Dilmar Kistemacher

CODO/MA

2021

ANA GLIZELDA OLIVEIRA DA SILVA

BULLYING E EDUCAÇÃO: PERCEPÇÕES E DESAFIOS POLÍTICOS-
PEDAGÓGICOS NA ESCOLA PÚBLICA

Trabalho de Conclusão de Curso-TCC,
apresentado ao Curso de Licenciatura
Interdisciplinar em Ciências
Naturais/Biologia da Universidade Federal
do Maranhão–UFMA/Campus VII Codó,
como requisito parcial para a obtenção do
grau de Licenciada em Ciências
Naturais/Biologia.

Banca: _____ / _____ / _____

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Dilmar Kistemacher- orientador - UFMA/CODÓ

Profa. Dra. Clara Virgínia Vieira Carvalho de Oliveira Marques–UFMA/Codó

Psicóloga Esp. Maralice Alves de Sousa–UFMA/Codó

OLIVEIRA DA SILVA, ANA GLIZELDA.

BULLYING E EDUCAÇÃO: PERCEPÇÕES E DESAFIOS POLÍTICOS-
PEDAGÓGICOS NA ESCOLA PÚBLICA / ANA GLIZELDA OLIVEIRA DA
SILVA. - 2021.

46 f.

Orientador(a): DILMAR KISTEMACHER.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Naturais -
Biologia, Universidade Federal do Maranhão, CODO, 2021.

1. BULLYING. 2. CONSEQUENCIAS. 3. CONTEXTO ESCOLAR.
I. KISTEMACHER, DILMAR. II. Título.

“Vivemos em uma sociedade onde: Bullying é brincadeira, e suicídio é pra chamar atenção”.

Série de Tv (13 reasons why) - Os 13 porquês.

AGRADECIMENTOS

Trabalhar como docente é um sonho que veio desde que me entendo por gente. Mesmo seguindo por caminhos diferentes da rota que planejei, o sonho como docente não acabou, não diminuiu. Persisto e continuarei persistindo até a chegada. E chegou!

Primeiramente, agradeço a Deus, por estar sempre iluminando e abençoando minha vida. Mesmo em meio a essa pandemia, Ele continua me dando o poder de acordar e dormir todos os dias com saúde.

Agradeço aos meus pais, por serem as pessoas que sempre estão presente em tudo que faço, apoiando e me dando força. Foram eles, indiretamente, que incentivaram a almejar uma formação superior. Sou filha de pipoqueiros e com orgulho!

Ao meu orientador professor Dilmar, pelo suporte, correções e ensinamentos que me permitiu apresentar um melhor desempenho no meu estudo. Obrigada por não ter desistido de mim. Agradeço à banca de defesa por suas contribuições.

Aos meus amigos, que estiveram sempre me apoiando e ajudando durante todo os períodos, principalmente, a minha amiga Karla, que sempre disponibilizou seu tempo nos finais de semana para me dar aulas, devido às dificuldades em algumas disciplinas.

Ao meu querido Fernando, que desde o início, sempre se dispôs a me ajudar, com suportes, seus ouvidos e suas críticas em relação ao tema. Principalmente, incentivando a nunca desisti do tema escolhido.

Enfim, agradeço imensamente a todos por ter contribuído de forma direta e indireta, até a minha chegada aqui.

RESUMO

No ambiente escolar ocorre o encontro de crianças com as mais variadas vivências sociais, culturais e econômicas (Xavier, 2015). Cada vez mais nota-se a presença constante do *bullying* no âmbito escolar. E, a escola precisa estar atenta para identificar os agressores, bem como, os agredidos de forma que seja preservada a integridade física, psicológica deste e, desse modo afiançar o aprendizado. Não é de hoje que o *bullying* surgiu, na verdade não tem data e ano específico, já que as diversas formas de violência sempre foram observadas nos mais diversos grupos sociais. Durante a realização do Estágio Curricular, pudemos perceber a agressividade, a violência e o excesso de apelidos pejorativos e, ainda, a observação do baixo rendimento escolar dos alunos que são vítimas de *bullying* na Escola Reitor Ribamar Carvalho. Estas percepções nos motivaram a realizar este estudo, não somente por sua urgência, mas, também, por relevância ante os problemas pedagógicos e sociais deles decorrentes. Assim, estas questões no levaram a problematizar quais danos o *bullying* pode trazer aos alunos e às instituições de ensino? E, ainda, o estudo se justifica porque praticamente não há dados sobre este fenômeno na cidade de Codó MA. Tivemos como objetivo geral do estudo: Compreender como os docentes e discentes lidam com as ocorrências de *bullying* no ambiente escolar. E, como objetivos específicos: identificar se dentro das violências que existem no ambiente escolar, há relação com o *bullying*; analisar o grau de conhecimento dos docentes e discentes em relação ao *bullying* e, ainda, observar se dentro do ambiente escolar, há casos de *bullying* na sala de aula. Para o desenvolvimento do estudo optamos pela pesquisa bibliográfica e estudo de caso. A pesquisa de campo se deu a partir da observação in lócus, e do registro em diário de campo e, ainda, entrevista e questionários com perguntas fechadas e abertas.

Palavras-chave: Bullying. Contexto Escolar. Consequências.

ABSTRACT

In the school environment, children meet with the most varied social, cultural and economic experiences (Xavier, 2015). Increasingly, the constant presence of bullying is noticed in the school environment and the school must be attentive to identify the aggressors, as well as, the attacked in a way that their physical and psychological integrity is preserved and, thus, to guarantee learning. It is not just today that bullying arose, in fact it has no specific date and year, since the different forms of violence have always been observed in the most diverse social groups. During the course internship, we were able to perceive the aggressiveness, violence and excess of pejorative nicknames and, also, the observation of the low school performance of students who are victims of bullying at Escola Reitor Ribamar Carvalho. These perceptions motivated us to carry out this study, not only because of its urgency, but also because of its relevance in view of the pedagogical and social problems arising from it. So, these questions did not lead to question what damage can bullying bring to students and educational institutions? And yet, the study is justified because there is practically no data on this phenomenon in the city of Codó MA. The general objective of the study was: To understand how teachers and students deal with bullying in the school environment. And, as specific objectives: to identify whether, within the violence that exists in the school environment, there is a relationship with bullying; analyze the degree of knowledge of teachers and students in relation to bullying and, also, observe whether within the school environment, there are cases of bullying in the classroom. For the development of the study, we opted for bibliographic research and case study. The field research took place based on observation in locus, and the registration in a field diary and, also, interviews and questionnaires with closed and open questions.

Keywords: Bullying. School context. Consequences

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Respostas obtidas por meio do questionamento: Você já participou de algum evento ou capacitação com o tema <i>bullying</i> ?	244
Gráfico 2- Respostas obtidas por meio do questionamento: Você possui conhecimento a respeito do conceito do <i>bullying</i> ?.....	255
Gráfico 3 - Respostas obtidas por meio do questionamento: Você sabe sobre a interferência em alguma situação de <i>bullying</i> ocorrida na escola em que atua?.....	25
Gráfico 4 – Respostas obtidas por meio do questionamento sobre o docente ter praticado <i>bullying</i> em sua época de escola como aluno.....	26
Gráfico 5 – Respostas obtidas por meio do questionamento sobre a possibilidade dos professores entrevistados terem sofrido <i>bullying</i> na escola	27
Gráfico 6– Respostas obtidas por meio do questionamento sobre ter cometido <i>bullying</i> como docente à algum aluno.	288
Gráfico 7 – Respostas obtidas por meio do questionamento sobre a afirmação da origem do <i>bullying</i> ser um termo antiquado e desatualizado.	299
Gráfico 8 – Respostas obtidas por meio do questionamento sobre o acolhimento e proteção para o aluno vítima do <i>bullying</i>	29
Gráfico 9 – Respostas obtidas por meio do questionamento: Você sabe o que é <i>bullying</i> ?.....	311
Gráfico 10 – Respostas obtidas por meio do questionamento: Você já sofreu <i>bullying</i> ?	31
Gráfico 11 - Respostas obtidas por meio do questionamento: Caso tenha respondido SIM, em quais locais?	322
Gráfico 12- Respostas obtidas por meio do questionamento: Caso tenha respondido na ESCOLA, onde aconteceu exatamente?.....	333
Gráfico 13 - Respostas obtidas por meio do questionamento: Você já presenciou algum amigo ou colega que sofreu <i>bullying</i> na escola?	33
Gráfico 14 - Respostas obtidas por meio do questionamento: Caso tenha respondido SIM a questão anterior, quantas vezes presenciou?	344
Gráfico 15 - Respostas obtidas por meio do questionamento: Das vezes que você presenciou, em que lugar aconteceu?.....	34
Gráfico 16 - Respostas obtidas por meio do questionamento: Caso tenha respondido na ESCOLA, onde aconteceu?.....	355
Gráfico 17 - Respostas obtidas por meio do questionamento: Algum professor já lhe fez alguma brincadeira e que você se sentiu ofendido e foi motivo de chacota diante dos colegas da escola?	35

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	10
2.	BULLYING E ESCOLA: DESAFIOS POLÍTICOS-PEDAGÓGICOS	13
2.1.	Pensando sobre o <i>bullying</i> : a violência em debate.....	13
2.2.	<i>Bullying</i> no contexto escolar.....	16
2.2.1.	<i>Bullying</i> na escola: a vítima, o agressor e a testemunha.....	17
2.2.2.	Consequências do <i>bullying</i> na escola	19
3.	BULLYING NA ESCOLA: PERCEPÇÕES E DESAFIOS PEDAGÓGICOS ..	22
3.1.	Escola pública: formação docente e campo de pesquisa	22
3.2.	<i>Bullying</i> na escola: percepções em construção.....	23
3.2.1.	O <i>Bullying</i> escolar na percepção docente	23
3.2.2.	O <i>bullying</i> escolar na percepção discente	30
3.3.	<i>Bullying</i> e escola: desafios políticos e pedagógicos.....	366
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	388
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	399
	APÊNDICE.....	42
	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	43
	Questionário para docentes	44
	Questionário para discentes.....	45

1. INTRODUÇÃO

A educação é essencial para a construção de uma sociedade mais justa. Para isso, é preciso que o país tenha uma educação pública de qualidade. Logo, entende-se que a escola é primordial para o desenvolvimento das crianças dentro da sociedade. No ambiente escolar há o encontro entre diferentes crianças com as suas vivências sociais, culturais e econômicas e as suas individualidades. Embora haja certa informação e comunicação sobre a importância da tolerância e do respeito com os outros, persiste no ambiente escolar uma grande manifestação do *bullying* (XAVIER, 2015).

O bullying, considerando a repercussão no campo da educação em nível nacional, ensejou a criação da Lei 13.185/2015, sancionada pela presidenta à época, Dilma Rousseff. Entre os objetivos da referida Lei, destacamos a conceituação e a criação de um Programa para o Combate da Intimidação Sistemática – bullying, respectivamente, significa,

§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (bullying) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

§ 2º O Programa instituído no caput poderá fundamentar as ações do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, bem como de outros órgãos, aos quais a matéria diz respeito (Lei 13.185/2015, Art. 1º.).

É importante destacar que até a homologação desta Lei, não havia no sistema jurídico uma definição objetiva sobre a palavra bullying, vigorava discussões e debates de alguns professores e por parte de psicólogos. A Nova lei ensejou as discussões no âmbito da escola, especialmente por pensar o bullying numa perspectiva pedagógica, o que já se entendia como missão da escola, mas que muitos educadores negligenciavam ou tinham resistência em trabalhar a temática, seja em sala de aula, seja na proposta pedagógica da escola.

Assim, a Lei é bem clara, quanto ao seu objetivo, instituir um programa, ou seja, um conjunto de ações que envolvem capacitação de docentes, equipe pedagógica, acompanhamento educacional, atendimento psicológico e orientação aos pais e/ou familiares, responsáveis pelo estudante.

Portanto, o Programa de Prevenção à Intimidação Sistemática (bullying), segundo a Lei, deveria ser abrangente de forma que contemplasse ações que promovessem a sensibilização tanto na escola, quanto na sociedade quanto à violência sistemática. E, nesta direção, ensejar a criação de cartilhas, de palestras educativas e de discussões em sala de aula. A Lei 13.185/2015, enquanto dispositivo legal, não resolve os problemas referentes ao bullying, antes o coloca em debate e estabelece assim o seu combate. Mas, é preciso promover reflexões e debates para além da dimensão normativa, legal. Importa, também, pensar política e pedagogicamente atividades que promovam discussões, vivências e principalmente, a construção da cultura de tolerância, de respeito e de paz.

O *bullying* tornou-se sinônimo de violência escolar no mundo inteiro, estando presente dentro da escola, decorrente de influências sociais externas. Todas as formas de violências representam uma ameaça ao processo de desenvolvimento cognitivo, psicológico e social do ser humano, o que gera consequências na vida do sujeito. Cada vez mais nota-se a presença constante do *bullying* no âmbito escolar. A escola, enquanto instituição social, deve estar atenta na identificação das possíveis relações de violência e de confronto entre alunos, observando comportamentos agressivos, atos de violência física ou psicológica.

Durante a realização do Estágio Supervisionado Obrigatório do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais/Biologia, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, campus de Codó, pude perceber a agressividade, a violência, o excesso de apelidos pejorativos entre os alunos. E, ainda, por meio das observações mais específicas durante a prática de observação, intervenção e regência – etapas do estágio curricular - pude identificar o baixo rendimento escolar dos alunos que, aparentemente, eram vítimas de *bullying* na Escola Reitor Ribamar Carvalho.

Tais percepções nos motivaram a realizar este estudo, não somente por sua urgência, mas, também, pela relevância que a temática possui, especialmente, quando relacionamos o bullying aos problemas pedagógicos no ambiente escolar. Diante de tais observações, nos questionamos e nos perguntamos, quais seriam os danos que o *bullying* pode trazer aos alunos e às instituições de ensino? E de que forma este fenômeno é abordado na cidade em que vivemos? Considerando a escassez de dados referentes ao tema na cidade de Codó/MA.

A partir da busca e questionamentos que problematizam esse trabalho, tivemos como objetivo geral para esta pesquisa, compreender como os docentes e

discentes percebem as ocorrências de *bullying* no ambiente escolar e, deste tivemos como objetivos específicos: identificar se as violências que existem no ambiente escolar possuem relação com o *bullying*; analisar a percepção dos docentes e discentes em relação ao *bullying* e, ainda, observar se dentro do ambiente escolar, há casos de *bullying*.

Para o desenvolvimento do estudo optamos pela pesquisa bibliográfica e estudo de campo e o instrumento de coleta de dados o questionário semiestruturado. A pesquisa de campo se deu em dois momentos, o primeiro compreendeu a observação *in lócus*, com registro em diário de campo e, o segundo, a aplicação de questionário com perguntas fechadas e abertas.

2. BULLYING E ESCOLA: DESAFIOS POLÍTICOS-PEDAGÓGICOS

O tema da violência tem sido tratado, de modo geral, no campo da Justiça. Porém, é importante destacar que tal tema precisa ser pensado em outros campos, especialmente no campo da Psicologia e da Educação. A violência, enquanto fenômeno social atravessa a escola e provoca diversos problemas aos sujeitos envolvidos, principalmente os estudantes que sofrem com as violências, sejam elas físicas ou psicológicas.

2.1. Pensando sobre o *bullying*: a violência em debate

A prática do *bullying* data de longo período, porém, vale destacar que os significados que a palavra traz consigo, existem a mais tempo do que há discussões e estudos escritos sobre ele. Levando em consideração as diversas formas de violência observadas nos mais diversos grupos sociais existentes, o *bullying* se constitui em práticas de violência. Em seus estudos do *bullying* na escola, Fante afirma que o *bullying* se constitui como:

[...] um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro, causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os a exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do “comportamento *bullying*” (FANTE, 2005, p. 28-29).

Nesta mesma direção Xavier (2015), afirma que o *bullying* é um fenômeno conhecido mundialmente, apesar do termo de origem inglesa não possuir tradução para a Língua Portuguesa. Entretanto, devido a grande dificuldade de encontrar um vocábulo que tivesse a mesma correspondência ou mesmo sentido, o termo é empregado no contexto brasileiro como uma palavra internacionalizada, fazendo referências a palavras como “valentão”, “brigão”, “mandão”.

A partir de tal afirmação, Fante e Pedra (2008) relatam que:

os estudos sobre *bullying* tiveram início na década de 1970 na Suécia e Dinamarca. Na década de 1980, a Noruega desenvolveu grande pesquisa sobre o tema, expandindo os estudos para inúmeros países europeus. Como reflexo desses estudos, o tema chegou ao Brasil no fim dos anos de 1990 e início de 2000 (FANTE, PEDRA, 2008, p.36).

Para Costa (2018), esse tipo de violência escolar denominada *bullying*, que antes da década de 1990 acontecia de forma esporádica, começou a acontecer de forma sistemática e com maior frequência, causando, em alguns casos, assassinatos e suicídios. Tal situação despertou a atenção e interesse de profissionais e estudiosos, primeiramente da Psicologia e, posteriormente da Educação. A maior frequência de estudos e discussões sobre o *bullying* se deu pela recente identificação desse fenômeno como um problema a ser debatido e enfrentado pela escola e pela sociedade.

De acordo com Fante (2005, p.5) pode-se afirmar que, “o *bullying* está presente em todas as escolas do mundo”. Silva (2010) corrobora que tais atos de violência acontecem intencionalmente e de maneira repetitiva contra um ou mais indivíduos, que se encontram impossibilitados de reagir às agressões sofridas. Os comportamentos violentos não apresentam motivações justificáveis. De modo geral, os mais fortes utilizam os mais frágeis como objetos de diversão, prazer e poder, com a intenção de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas.

Constatini (2004) reforça que o *bullying* é um comportamento ligado à agressão verbal, física ou psicológica que pode ser efetuada tanto individual quanto grupalmente. Sendo um comportamento próprio das relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer através de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e de intimidar.

Quanto às formas de identificação do *bullying*, Olweus (1993) cita duas maneiras de identificar o *bullying*. A primeira sendo denominada como *Forma Direta*, que envolve ataques de um aluno contra outro, usando palavras, gestos e/ou contato físico. A segunda forma descrita pelo autor é a *Forma Indireta*, em que a vítima é excluída de grupos, dificultando seu relacionamento com outros alunos. Em sua pesquisa Fante (2005), tendo tomado como base teórica os estudos de Olweus, apresenta três critérios estabelecidos como forma de identificação de *bullying* escolar, sendo eles: ações repetitivas contra vítima por tempo prolongado; desequilíbrio de poder dificultando a defesa da vítima; e, ausência de motivos que justifiquem os ataques.

Monteiro (2008) afirma que o *bullying* não é um fenômeno moderno. Mas, apenas agora vem sendo reconhecido como causador de danos psicológicos e, por vezes, físicos, foi reconhecido como um problema complexo e perigoso, tornando-se, assim, objeto de estudos e ensejou a construção de medidas especiais para a sua

prevenção e enfrentamento. Importante, lembrar que no cotidiano escolar os alunos enfrentam complexas questões sociais e pessoais, no qual o conhecimento pedagógico não consegue enfrentar sozinho, sendo os saberes de outros profissionais de diferentes áreas de conhecimento, a exemplo da Psicologia, necessários para estudar, acompanhar e construir medidas de enfrentamento do bullying e de acolhimento das vítimas.

Para algumas pessoas, a princípio, o termo *bullying* parece não ser ofensivo, por ser entendido, no senso comum, como brincadeira. Porém, a palavra esconde um perigo que ronda as escolas e as salas de aulas, principalmente nas situações em que os alunos agressores ofendem verbal ou fisicamente outros alunos com a alegação de estarem apenas *brincando*. Esse comportamento, muitas vezes passa despercebido por muitos, considerado, por vezes, como comportamento natural. Importa, problematizar o bullying como prática cultural da violência, ou seja, o bullying precisa ser tomado como fenômeno sociocultural de comportamentos violentos e que, na maioria dos casos, ocorre dentro das escolas. Constantini (2004) explica que:

o bullying não são conflitos normais ou brigas que ocorrem entre estudantes, mas verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças, que, sistematicamente, com violência física e psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos particularmente mais vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que leva no mais das vezes a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização (CONSTANTINI, 2004, p. 69).

A análise de Constantini aponta tanto para os problemas gerados pelo bullying, quanto para a necessidade de as escolas desenvolverem ações pedagógicas de enfrentamento à violência na escola.

O comportamento agressivo entre estudantes é um problema universal, tradicionalmente admitido como natural e frequentemente ignorado ou não valorizado pelos adultos. Estudos realizados nas duas últimas décadas demonstraram que a sua prática pode ter consequências negativas imediatas e tardias para todas as crianças e adolescentes direta ou indiretamente envolvidos (LOPES NETO, 2005).

O bullying, segundo Pereira (2002), representa uma forma séria de comportamento antissocial que, pela sua duração, pode prejudicar o desenvolvimento da criança. Quando praticado na escola se manifesta através de insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações e acusações injustas, o que leva a exclusão dos alunos agredido, podendo causar danos psicológicos e pedagógicos, no que se

refere às suas aprendizagens. Lembramos, também, que o bullying pode levar a danos físicos.

2.2. *Bullying* no contexto escolar

Polato (2007) afirma que, atualmente vivemos em um período de “crise da educação”, no qual o papel da escola não está claro. Tal afirmação é complementada com a indicação de que os objetivos escolares sofreram modificações ao longo do tempo e que não são se restringem à prática de ensinar conteúdos curriculares, mas vai além disso, tornando-se também um espaço de interação social entre seus participantes. É também um lugar onde as crianças e adolescentes aprendem a se relacionar, adquirem valores e crenças, desenvolvem senso crítico, autoestima e a segurança.

A escola é, por excelência, um ambiente fundamental para todas as crianças e jovens, uma vez que esta organização educativa é considerada promotora de aprendizagem e de desenvolvimento das relações interpessoais. Contudo, sendo a escola o espaço por excelência para a construção das relações entre pares, é, também, nela onde se identifica a maior incidência de agressão (LISBOA; KOLLER, 2004).

Segundo Minayo (1999) uma escola ideal é exatamente a escola que favoreça um ambiente saudável e de formação para a cidadania, ou seja,

[...] é aquela que respeita e estimula os alunos a pensar. São escolas em que, além de o aluno aprender as matérias, se permite que ele cresça como pessoa e cidadão. Ou seja, ela é a instituição que realiza, ao mesmo tempo, sua função de construir conhecimentos, convivências, experiências e crítica social e, assim, cumpre importante papel socializador (MINAYO, 1999, p.114).

A orientação educacional, na sua prática, precisa auxiliar os educadores na busca por propostas pedagógicas e metodológicas para trabalhar a violência, redescobrimo o papel da escola na formação do sujeito e na construção do cidadão. Nesse sentido, é na escola que o aluno aprende a conviver com dificuldades e contradições, a trabalhar com o diálogo, a defender seus direitos e a dialogar (SOARES, 2014).

Identificar o *bullying* entre os alunos não é tarefa simples, pois se trata de uma forma de violência que muitas vezes os atos de violência não podem ser comprovados. Deste modo, para prevenir o *bullying* nas escolas são fundamentais a

preparação e a capacitação dos professores e funcionários, além de desenvolver parcerias com as famílias objetivando diagnosticar a forma de violência, conseguindo por meio de ações em conjunto “família-escola” diferenciá-la de brincadeiras típicas da idade escolar.

Para Berger (2007) o *bullying* é classificado sob diferentes formas, entre elas temos a física, a verbal, a eletrônica e a relacional, sendo diferenciadas por conta do direcionamento das mesmas. A física é a forma de usar a agressão corporal ou material como chutes, socos, roubo de materiais e lanches; a verbal direciona-se para agressões que envolvem características físicas ou trejeitos dos agredidos como insultos e apelidos pejorativos; a relacional, é o que prejudica a relação dos colegas com a vítima e, por último, a eletrônica, conhecida mais como *cyberbullying*, são agressões que ocorrem via e-mail, website, nas redes sociais, mensagens enviadas pelo celular, entre outras formas que têm por base dispositivos eletrônicos.

No Brasil o fenômeno *cyberbullying* é uma realidade que vem aumentando nas escolas, públicas e privadas, em toda a Educação Básica. Por essa razão, há a necessidade de ampliar pesquisas acadêmicas que estudem a temática. E, no contexto da pandemia da COVID-19 que ensejou e reforçou a prática de relações cibernéticas e a cultura da violência virtual e digital.

2.2.1. *Bullying* na escola: a vítima, o agressor e a testemunha.

É crucial compreender as formas como a violência se apresenta no contexto escolar. E, dessa forma, constituir propostas pedagógicas que podem proporcionar recursos para todos os agentes envolvidos na escolarização, especialmente os encarregados pela educação, como professores/as, psicólogos/as, diretores/as, pais, entre outros (BLAYA, 2006).

Na escola, as relações por vezes assumem formas de agressão, sendo o *bullying* um fenômeno que apresenta urgência para ser debatido e enfrentado. Este tipo de agressão escolar é considerado um abuso sistemático do poder, caracterizado como uma forma de comportamento agressivo entre pares, maldoso, deliberado e persistente, podendo ocorrer e durar semanas, meses ou anos (PEREIRA, 2001; SMITH & SHARP, 1994).

O fenômeno *bullying* é amplo e inclui vítimas, agressores, testemunhas e, ainda, apoiantes de agressores. De acordo com Berger (2007), o agressor caracteriza-se por ser aquele aluno que age de forma agressiva contra um colega, com a intenção

de machucá-lo física ou psicologicamente, sendo, geralmente, a vítima mais fraca que o agressor. Estes alunos – os agressores - têm pouca empatia pelos pares, têm dificuldades em seguir regras e apresentam atitudes positivas em relação às atitudes ou comportamentos violentos observados por eles (CARVALHOSA, LIMA, & MATOS, 2002).

As vítimas do *bullying* caracterizam-se por terem comportamentos sociais inibidos, uma vez que são constantemente abusadas pelo *bullie* (agressor), assumindo comportamentos passivos ou submissos, sentindo-se mais vulneráveis, com medo ou vergonha intensa, tornando-se crianças silenciosas, com receios, principalmente em dizer a um adulto que são vítimas de agressão (MATOS, 2009).

Carvalhosa, Lima e Matos (2002) salientam que a vítima é o indivíduo que sofre com implicações, violências, provocações, intimidações, de modo geral, são alvos de ações desagradáveis. Vila e Diogo (2009) corroboram esta ideia, afirmando que, as vítimas caracterizam-se pelas crianças que são vulneráveis, inseguras, possuem baixa autoestima, frágeis, e apresentam poucas habilidades emocionais para se opuser à situação.

As testemunhas, por sua vez, são aquelas crianças e jovens que não se envolvem diretamente em episódios de *bullying*, mas participam como espectadores. As testemunhas possuem características empáticas em relação às vítimas e situações em que as mesmas estão envolvidas, porém, não se tornam ativas na acusação dos agressores ou defesa dos agredidos (BANDEIRA & HUTZ, 2012).

Segundo Berger (2007), por sua vez, considera que as testemunhas se caracterizam em ativas, passivas ou neutras. As testemunhas que sentem empatia e que condenam os comportamentos dos agressores e avisam ou tentam avisar os professores da situação ocorrente, são caracterizadas como ativas. Mas, na maioria das situações as testemunhas não conseguem ajudar as vítimas por receio de represálias ou de tornarem-se a próxima vítima dos *bullies*.

Salmivalli (1996) ressalta que nesta situação as testemunhas são passivas porque sofrem em silêncio, apesar de não serem alvos diretos de *bullying*. As testemunhas não envolvidas ou neutras englobam os alunos que estão presentes, por vezes em número significativo, mas não querem se envolver com medo de se tornarem o próximo alvo (SWEARER, ESPELAGE, VAILLANCOURT & HYMEL, 2010).

O futuro escolar de todos é comprometido se o *bullying* não for combatido assim que descoberto. Os agredidos levam suas marcas prejudicando seu futuro com uma desvalia e autoestima baixa, alguns tornam-se revoltados e agressivos, vingando-se ao cometer crimes sobre inocentes da sociedade e até mesmo tornando-se contraventores. Portanto, as consequências psicológicas e sociais são graves e podem comprometer o bem-estar das pessoas vítimas do *bullying*.

Para que haja êxito no processo de ensino aprendizagem é necessário ter comprometimento, atenção perseverança e continuidade nas ações de enfrentamento ao *bullying*, pois cada aluno possui suas características pessoais e, cabe à escola, orientar e dar suporte pedagógico aos professores nesse processo de compreensão do indivíduo, com base em sua cultura de não violência. Destacamos a importância da escola na implementação de ações pedagógicas de enfrentamento ao *bullying*. Mas, primeiramente se faz necessário reconhecer o *bullying* como prática de violência e não como brincadeira de crianças e adolescentes. Importa, portanto, desconstruir a ideia da violência como algo natural.

2.2.2. Consequências do *bullying* na escola

Sabe-se que o *bullying* é capaz de acarretar sérias consequências, que variam a cada caso de acordo com as características individuais da vítima e, ainda, a sua capacidade de se relacionar com o meio social, ou seja, “*a prática de bullying agrava problemas preexistentes, assim como pode abrir quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentos que, muitas vezes trazem prejuízos irreversíveis*” (SILVA, 2010, p.25).

O *bullying* atinge os alunos de maneira negativa. Os seus efeitos, em alguns casos, ultrapassam o âmbito escolar e duram por toda uma vida. As consequências, decorrentes do *bullying*, manifestam-se de diversas formas, problemas na aprendizagem, desinteresse pelos estudos, traumas, transtornos psíquicos, sintomas psicossomáticos, sentimentos negativos e pensamentos de vingança.

Devido às consequências que podem ser desencadeadas, FANTE (2005) destaca que o fenômeno do *bullying* passou a ser considerado como um problema de saúde pública, devendo ser reconhecido pelos profissionais de saúde em razão dos danos físicos e emocionais sofridos por aqueles que são vítimas deste tipo de violência.

Podemos, portanto, afirmar que o *bullying* é um problema grave e que causa danos pedagógicos, psicológicos e sociais. Daí a importância da construção de ações e de programas que sejam pensados e desenvolvidos pela escola em parceria com as famílias, com o campo da saúde e com a assistência social, entre outros, no enfrentamento deste problema.

Analisando as práticas de violência e que, muitas vezes, se traduz em *bullying*, em sua pesquisa, Silva (2006) lembra que,

[...] Os pais não conseguem educar seus filhos emocionalmente e, tampouco, sentem-se habilitados a resolverem conflitos por meio do diálogo e da negociação de regras. Optam muitas vezes pela arbitrariedade do não ou pela permissividade do sim, não oferecendo nenhum referencial de convivência pautado no diálogo, na compreensão, na tolerância, no limite e afeto. A escola também tem se mostrado inabilitada a trabalhar com a afetividade. Os alunos mostram-se agressivos, reproduzindo muitas vezes a educação doméstica, seja por meio dos maus-tratos, do conformismo, da exclusão ou da falta de limites revelados em suas relações interpessoais. Os professores não conseguem detectar os problemas, e muitas vezes, também demonstram desgaste emocional com o resultado das várias situações próprias do seu dia sobrecarregado de trabalhos e dos conflitos em seu ambiente profissional (SILVA, 2006, sp).

Diante de tantas questões envoltas ao *bullying*, podemos dizer que as vítimas geralmente são frágeis, sentem-se desiguais ou prejudicadas e dificilmente pedem ajuda e, como consequência, demonstram desinteresse, medo ou falta de vontade para frequentar a escola, o que acarreta prejuízos na aprendizagem.

As vítimas de *bullying*, após terem deixado a escola, apresentam maior probabilidade de desenvolver depressão e baixa autoestima na idade adulta. Nesta direção, Pereira (2008) destaca que a rejeição social que as vítimas, frequentemente, experimentam se constituiu num sólido indicador de problemas de ajustamento na adolescência e na vida adulta.

As relações sociais desajustadas e a violência dentro da escola colocam em pauta a cultura dos estereótipos, a cultura da normalização da violência e, ainda, a construção de um ser humano ideal. Estas questões levantam pautas importantes para a escola e para a elaboração de seu Projeto Político Pedagógico - PPP, que precisa pensar ações que possam desconstruir as práticas de intimidação e, ainda, no diagnóstico e ações de enfrentamento ao *bullying*. Portanto, a diversidade humana e as diferenças devem ser trabalhadas no contexto escolar de forma a desconstruir preconceitos e promover a construção dos ideais democráticos.

O *bullying* pode causar problemas sérios para todos que foram nele envolvidos. Antunes & Zuin (2008) corroboram esse pensamento, ao narrar que os impactos do *bullying* tornam-se amplos para todos os envolvidos, dependendo da situação em que se encontrem ou do papel que estejam assumindo. Conforme a maioria dos pesquisadores estudados, o *bullying* envolve aspectos culturais, sociais, políticos, econômicos e individuais e, portanto, precisam ser estudados, pelas diversas áreas do conhecimento.

3. BULLYING NA ESCOLA: PERCEPÇÕES E DESAFIOS PEDAGÓGICOS

Um dos desafios da escola, em meios a tantos outros existentes, é diagnosticar a presença do *Bullying* nas relações entre os alunos. De modo geral, o *bullying* ocorre de forma disfarçada e o seu diagnóstico é fundamental tanto para a construção de medidas para o seu enfrentamento, quanto, no planejamento de ações preventivas. No caso de ser realizado o diagnóstico e identificado o *bullying*, a escola pode aplicar as medidas pedagógicas de atendimento, considerando as ações propostas no projeto político-pedagógico. O diagnóstico pode contribuir efetivamente para o combate do *bullying* e, ainda, de seus resultados nefastos, a não aprendizagem, o sofrimento psicológico e a evasão escolar (Fernandes, 2011).

Neste capítulo apresentamos a análise dos dados coletados durante o processo de formação, o estágio curricular, e da pesquisa acadêmica. A pesquisa de campo foi desenvolvida junto à Escola Reitor Ribamar Carvalho, durante a realização do estágio curricular do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais/Biologia. Portanto, a escola pública se constituiu como campo de estágio e, também, campo de pesquisa.

3.1. Escola pública: formação docente e campo de pesquisa

Nesta pesquisa estudamos o *bullying* na Escola Reitor Ribamar Carvalho, escola da Rede Pública Estadual de Ensino, localizada no município de Codó, Estado do Maranhão. A escola conta com aproximadamente 500 alunos matriculados, funcionando nos três turnos, matutino, vespertino e noturno.

O estudo foi desenvolvido durante a realização do estágio curricular, que compreendeu as dimensões da observação, intervenção pedagógica e regência, tanto no Ensino Fundamental no Anos Finais, quanto no Ensino Médio. O estudo se deu a partir do estágio, mais especificamente na disciplina de Biologia, no Ensino Médio. O estágio curricular foi realizado no ano de 2018.

Durante a realização do estágio, foram percebidas as situações de *bullying*, tomadas, de modo geral, como “brincadeiras” de alunos. Assim, movida por uma inquietude pessoal e, também, pedagógica – professora em formação – considerei oportuno desenvolver um estudo acerca do *bullying* na escola.

Inicialmente conversei com a Coordenação do Estágio Curricular do Curso, na época coordenado pelo professor Dilmar Kistemacher, orientador deste trabalho,

sobre a possibilidade de realizar uma pesquisa sobre *bullying* na escola, caracterizada até então como campo de estágio. Posteriormente, agendei uma conversa com a direção da escola a fim de obter a autorização para realização da pesquisa. Por fim, tendo a anuência da coordenação do estágio, da orientação e da direção da escola, dei início a construção do projeto de pesquisa. Assim, fizemos a revisão de literatura para fundamentação teórica da pesquisa. E, de acordo, com a pesquisa qualitativa, escolhi como instrumento de coleta de dados, para posterior análise, o questionário semiestruturado, este aplicado separadamente aos docentes e discentes. Os questionários se constituem no principal corpus de pesquisa.

Os questionários foram aplicados no turno noturno, contando com a participação voluntária de 161 discentes e, de 10 docentes da escola. O questionário aplicado aos docentes foi composto por 10 questões e, dos discentes por 12 questões semiestruturadas.

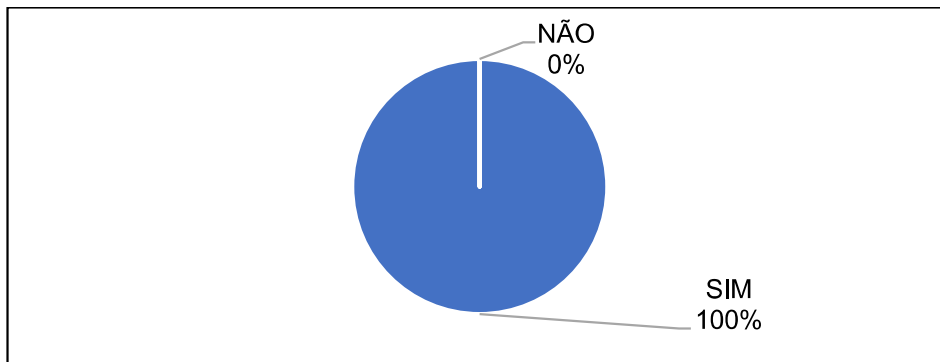
3.2. *Bullying* na escola: percepções em construção

As percepções analisadas a partir dos questionários com os sujeitos da pesquisa serão apresentadas separadamente, ou seja, apresentamos inicialmente as percepções docentes e, posteriormente, as percepções discentes sobre o *bullying*. Tal escolha foi feita por reconhecer as especificidades destes sujeitos. Considerando a melhor visualização das questões apuradas na coleta de dados, optamos pela apresentação no formato de gráficos.

3.2.1. O *Bullying* escolar na percepção docente

Quando questionados sobre a participação enquanto docentes em eventos ou capacitações que abordasse a temática *bullying*, verificamos a afirmação unânime da participação ativa dos docentes em tais atividades, conforme apresento no Gráfico 1.

Gráfico 1- Respostas obtidas por meio do questionamento: Você já participou de algum evento ou capacitação com o tema *bullying*?



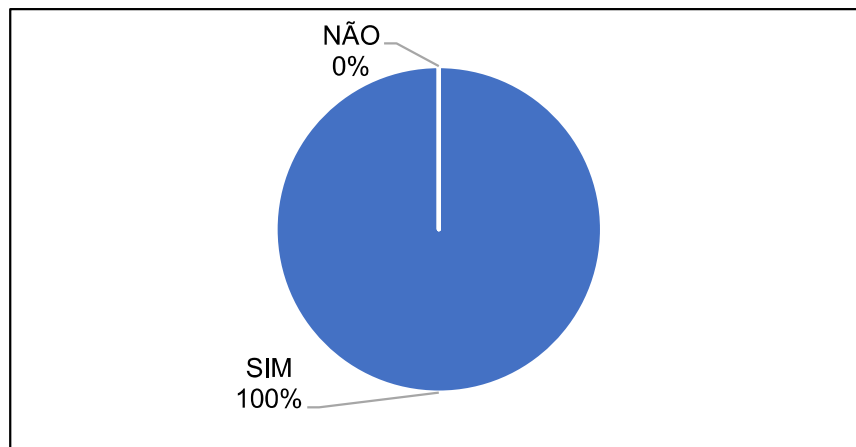
Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Por meio de tais resultados, destaco a importância da participação dos docentes em tais atividades que tratam do *bullying* na escola. Martinez (2011) afirma que, para que o combate ao *bullying* seja eficaz e seguro é fundamental a participação de profissionais da saúde, dos pais e de professores em eventos que trabalhem o tema da violência. A interação desses profissionais, juntamente com os professores, se faz necessária para que os comportamentos sejam observados na escola e na sala de aula.

Os profissionais atuantes na educação, em especial os docentes, desempenham um papel candente na sociedade e na vida do alunado. A educação intervém no mundo. E, ainda, como afirma Freire (1996, p. 98) “*a educação vai além dos conteúdos, ao respeitar os conhecimentos dos alunos e escutá-los, para que juntos, a partir dessas experiências, contribuam para a transformação da sociedade*”.

Quando questionados sobre os conceitos que envolvem a palavra *bullying*, os sujeitos apresentaram-se cientes de tais conceitos, conforme apresento no Gráfico 2.

Gráfico 2- Respostas obtidas por meio do questionamento: Você possui conhecimento a respeito do conceito do *bullying*?

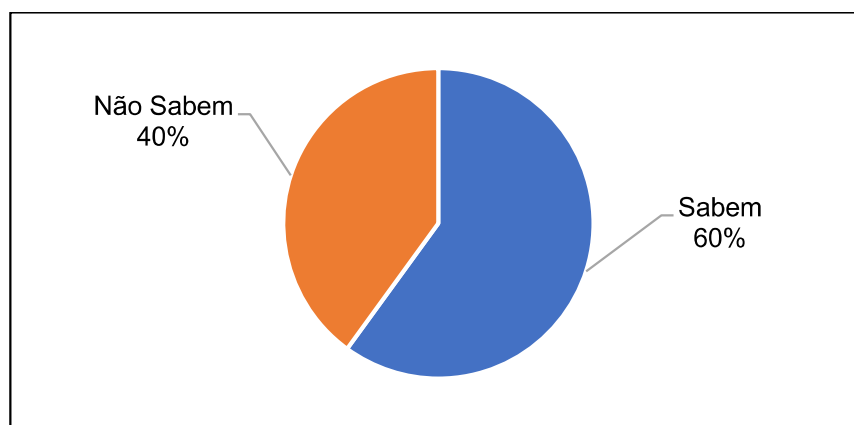


Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Os docentes responderam saber sobre o conceito de *bullying*. Portanto, podemos dizer que o corpo docente da escola tem conhecimento acerca do tema e pode contribuir na elaboração e implantação de ações pedagógicas de prevenção e de enfrentando às práticas de violência - *bullying*, seja na escola, seja em sala de aula.

Em continuação a análise dos questionários, os docentes foram questionados sobre seus conhecimentos, quando tratado sobre a ocorrência de alguma situação na escola que pudesse ser denominada como *bullying*, assim como sua interferência em tal situação.

Gráfico 3 - Respostas obtidas por meio do questionamento: Você sabe sobre a interferência em alguma situação de *bullying* ocorrida na escola em que atua?



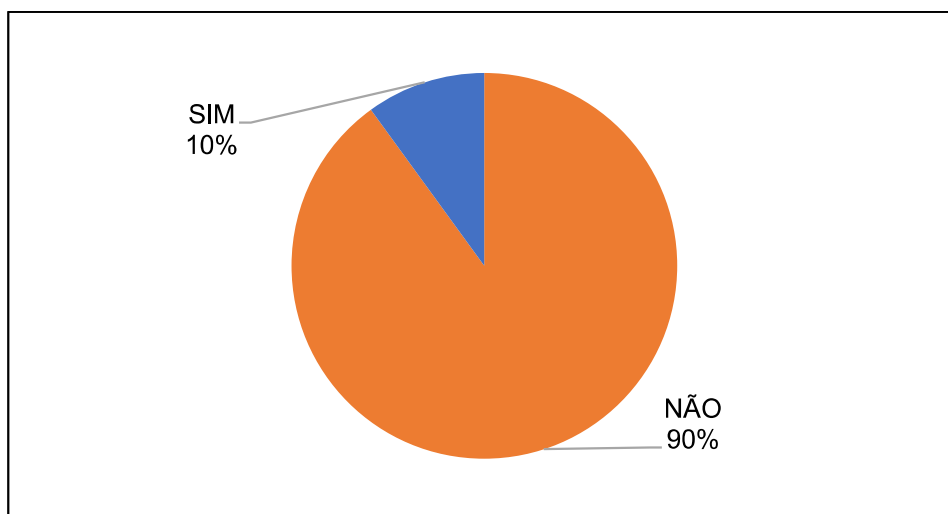
Fonte: Elaborada pela autora (2021).

A partir das respostas, foi observado a afirmação da interferência em situações de *bullying* por 6 professores e, a falta de interferência por 4 professores,

que justificaram tal ausência por medo de represálias dos próprios alunos. Cabe, aqui destacar que os professores/as também se sentem coagidos em fazer o enfrentamento do bullying. Fante e Pedra (2008) comentam que uma vez que a violência tenha adentrado na escola muitos diretores e professores se perguntam sobre o que fazer. Os autores sugerem algumas medidas, procedimentos e encaminhamentos diante do problema identificado. Daí a importância do debate e da formação sobre *bullying*.

A princípio há de se admitir que a violência seja um problema social e que a escola tem um papel fundamental na sua redução por meio de ações e programas preventivos e, que precisam contar com o apoio das famílias dos alunos, envolvendo-os com o problema. Faz-se necessário que na escola se constitua uma comissão ou equipe que possa desenvolver políticas preventivas e capacitar seus profissionais para atuar de forma segura e eficaz no enfrentamento das violências.

Gráfico 4 – Respostas obtidas por meio do questionamento sobre o docente ter praticado *bullying* em sua época de escola como aluno

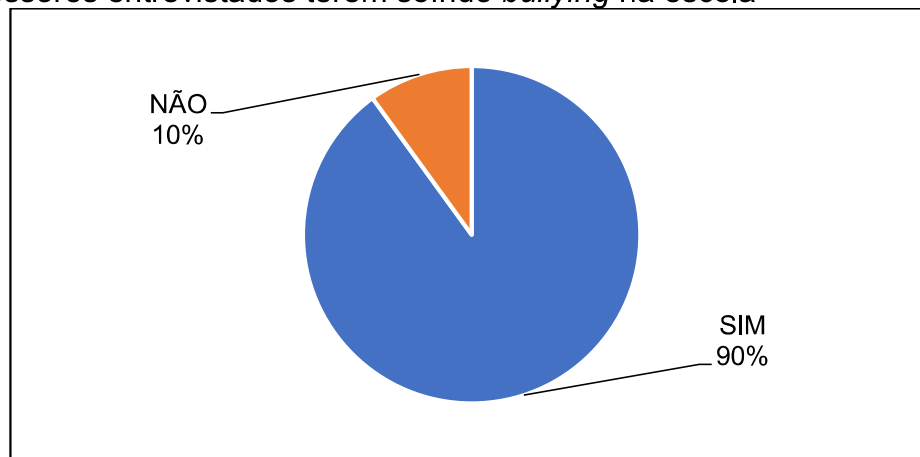


Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Em relação à pergunta do docente ter praticado *bullying* em sua época de estudante, dos dez, um respondeu ter cometido e nove afirmaram que não o cometeram. Couto (2009, p. 7) afirma ser fundamental que a escola que não se restrinja a ensinar apenas conteúdos programáticos previstos no currículo. Mas, também, que eduque as crianças e adolescentes para a cidadania, juntamente com a comunidade e pais. A criança traz consigo uma bagagem de conhecimentos, de casa, da rua e outras instituições e, por vezes, esta bagagem comporta um conjunto de

preconceitos e intolerâncias, que podem ser traduzidas na forma de *bullying*. É preciso que seja trabalhado no currículo, tanto da Educação Básica, quanto do Ensino Superior, entre outros conceitos, o respeito, a tolerância, a diferença e a diversidade.

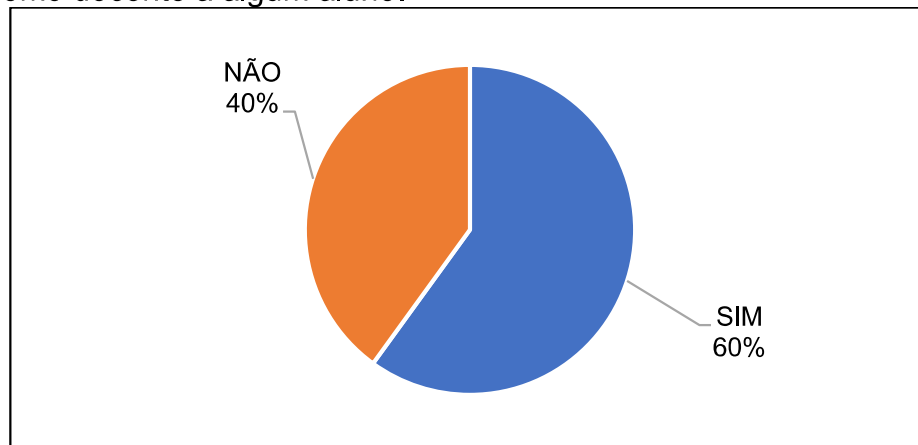
Gráfico 5 – Respostas obtidas por meio do questionamento sobre a possibilidade dos professores entrevistados terem sofrido *bullying* na escola



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Sobre terem sofrido *bullying* na escola, nove professores afirmaram que sim e um disse que não. Nota-se aqui, que o *bullying* atinge não somente os alunos, mas, também, para com os docentes. Esta verificação reafirma a importância para que a escola desenvolva estratégias de intervenção e de prevenção ao *bullying*. E, importa, também, que a comunidade escolar esteja consciente da existência do mesmo, sobretudo, das consequências relacionadas a esse tipo de violência (SOARES, 2014). É necessário capacitar os profissionais para que estejam sensíveis à observação, para que possam identificar, diagnosticar e saber intervir nas situações do *bullying*. Podemos dizer que a escola pode e deve trabalhar pedagogicamente no enfrentamento às violências.

Gráfico 6– Respostas obtidas por meio do questionamento sobre ter cometido *bullying* como docente à algum aluno.

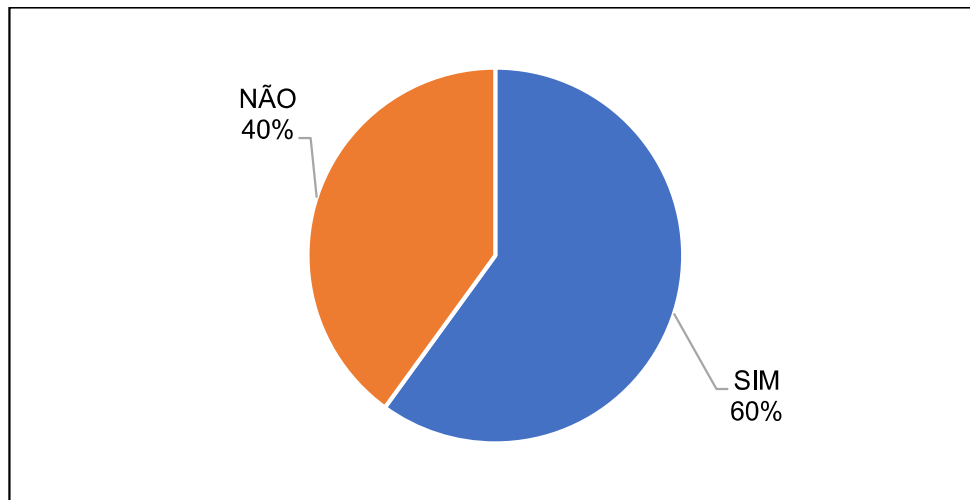


Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Em relação à pergunta sobre ter cometido *bullying* como docente à algum aluno, quatro entrevistados responderam que não e seis disseram que sim, de forma indireta, e só depois perceberam o que haviam feito, conforme registro realizado no questionário. O *bullying* ocorre em todas as dependências da escola, como dentro das salas de aulas, no pátio, nos banheiros, corredores e etc. A prática de *bullying* exercida por parte do docente ao discente alerta os problemas de violências presentes na escola pública de nosso país e a urgência em políticas específicas para o seu enfrentamento enquanto cultura de violência.

O *bullying*, enquanto forma de violência, não está necessariamente ligado à força. Nesta direção, Pereira (2009, p. 29) afirma que *"é uma forma sutil, velada, mascarada ou invisível, pois esta pode passar despercebida, magoar, agredir por meio de palavras e atitudes, tem grande poder destrutivo, pois fere a área mais preciosa, íntima e inviolável do ser – a alma"*.

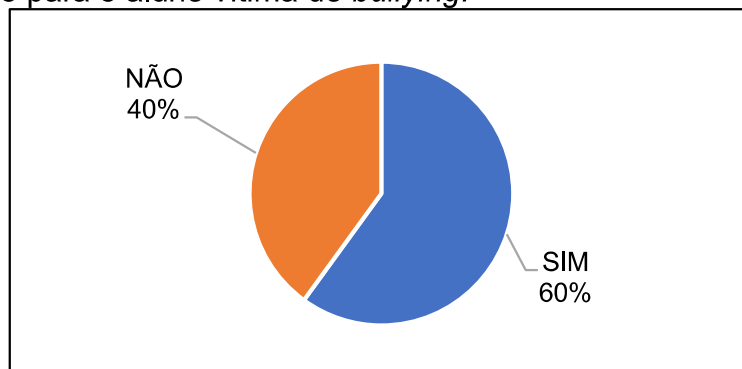
Gráfico 7 – Respostas obtidas por meio do questionamento sobre a afirmação da origem do *bullying* ser um termo antiquado e desatualizado.



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Sobre tal afirmação, seis docentes concordaram, enquanto quatro não concordam com a afirmação. Sobre o porquê da resposta, um, em especial, disse que o *bullying* do passado é diferente do que acontece atualmente, onde algumas pessoas se ofendem ao ponto do suicídio. Já outro diz que o *bullying* é um termo pejorativo e que os alunos se agredem verbalmente ou cinicamente. Preocupa-nos, nestas respostas uma naturalização da violência, o *bullying* como uma prática da cultura escolar. Ou seja, as percepções sobre o bullying apresenta-se como um desafio não somente pedagógico e psicologia, mas, também, cultural e político.

Gráfico 8 – Respostas obtidas por meio do questionamento sobre o acolhimento e proteção para o aluno vítima do *bullying*.



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Seis professores responderam que já acolheram alunos vítimas de agressão, sem especificarem se tal agressão foi física ou verbal. Contudo, afirmaram que nada puderam fazer para resolver a situação por acharem que tudo era uma “brincadeira” e que isso não iria afetar a vida escolar do aluno. Enquanto que, quatro professores disseram que nunca acolheram ou ajudaram alunos nesta situação. Educar exige comprometimento, atenção e ação pedagógica de enfrentamento à violência, que muitas vezes é negligenciado por alguns profissionais que não se veem no papel de acolhedores de causas como esta.

As duas últimas perguntas tratavam sobre as práticas de prevenção e de enfrentamento da escola ao combate do bullying. Na primeira questão os dez docentes disseram que apesar de haver campanhas contra o bullying, ainda não conseguiram uma conscientização melhor para combatê-lo. Enquanto que na última pergunta, sobre as impressões gerais acerca da temática, os dez disseram que a temática precisa ser mais trabalhada na escola e não somente quando surgir projetos.

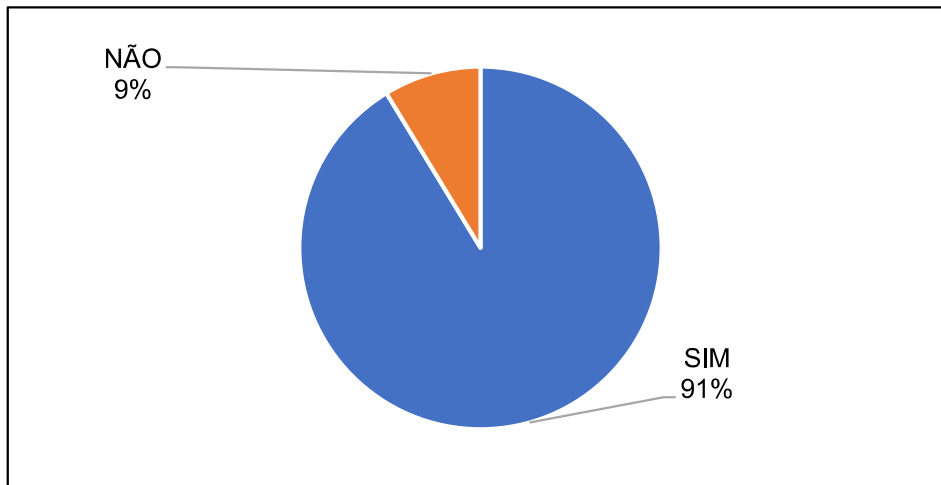
Diante destes resultados é importante dizer que a violência nas escolas é algo preocupante e que os professores que ensinam no ensino noturno, muitos não estão preparados para trabalhar o *bullying*. Sendo assim, é importante destacar a influência que a escola tem, não somente na vida dos discentes, mas dos docentes também. Sendo, portanto, necessário que a escola construa propostas para a sensibilização e preparação dos docentes quanto aos problemas relacionados à violência. E, ainda, a realização de diagnósticos sobre a ocorrência do bullying e partir deste elaborar e realizar ações pedagógicas para o enfrentamento das diversas formas que se realiza o bullying.

3.2.2. O *bullying* escolar na percepção discente

Os questionamentos e as discussões da pesquisa sobre as percepções discentes contribui, especialmente em informações para que a escola possa desenvolver discussões e construir práticas de não violência. Seguindo, a análise dos docentes, apresentamos as respostas na forma de gráficos.

Inicialmente os discentes foram questionados se eles sabiam o que significava o termo *bullying*. Os dados obtidos estão apresentados no Gráfico 9.

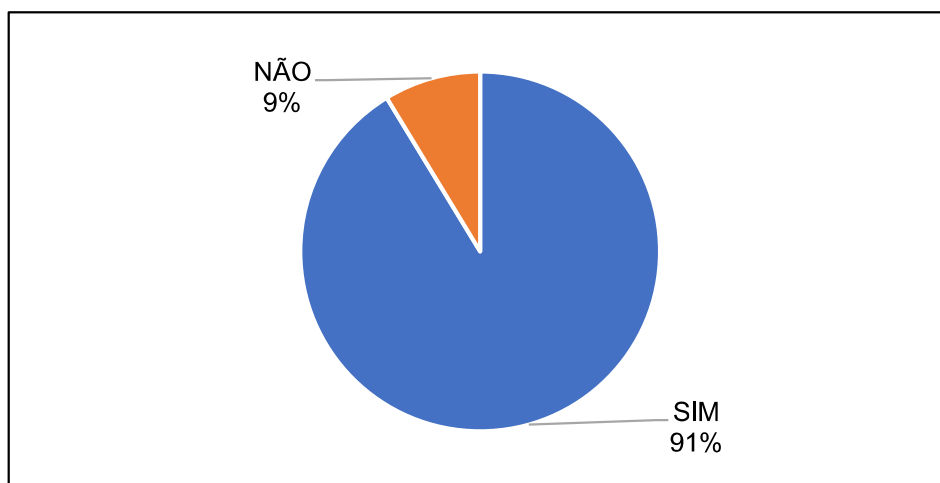
Gráfico 9 – Respostas obtidas por meio do questionamento: Você sabe o que é *bullying*?



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

O gráfico acima mostra que a maioria dos estudantes, sabe o que é *bullying*. No espaço reservado a livre resposta à questão, pudemos verificar que alguns discentes confundem *bullying* com preconceito. Para alguns, se trata de preconceito em relação à étnica e identidade sexual, em especial. Soares (2014) orienta que se deve conscientizar os alunos, pais ou responsáveis, professores e profissionais sobre o que é *bullying* e, aponta para a importância da investigação dos fatos para identificar os autores e vítimas de *bullying*.

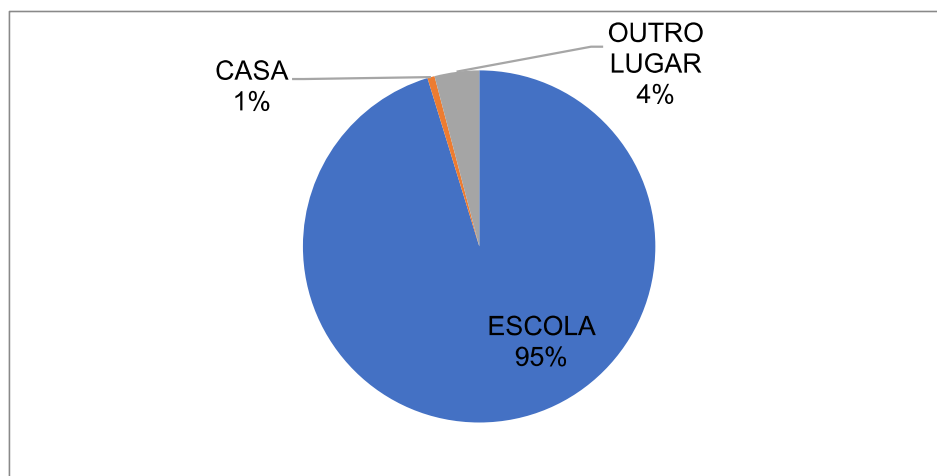
Gráfico 10 – Respostas obtidas por meio do questionamento: Você já sofreu *bullying*?



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Aqui verificamos que a maioria dos questionados sofreu *bullying*. Esta informação é contundente e suscita reflexões políticas e pedagógicas acerca da violência na escola. A afirmação da maioria dos estudantes respondentes ao questionário da pesquisa implica em reconhecer a importância e a urgência que o tema do bullying seja objeto de outras pesquisas e, principalmente, na implementação de propostas políticas e pedagógicas, subsidiadas pelo campo da Psicologia e demais áreas para, de fato, fazer enfrentamento adequando ao problema que está posto.

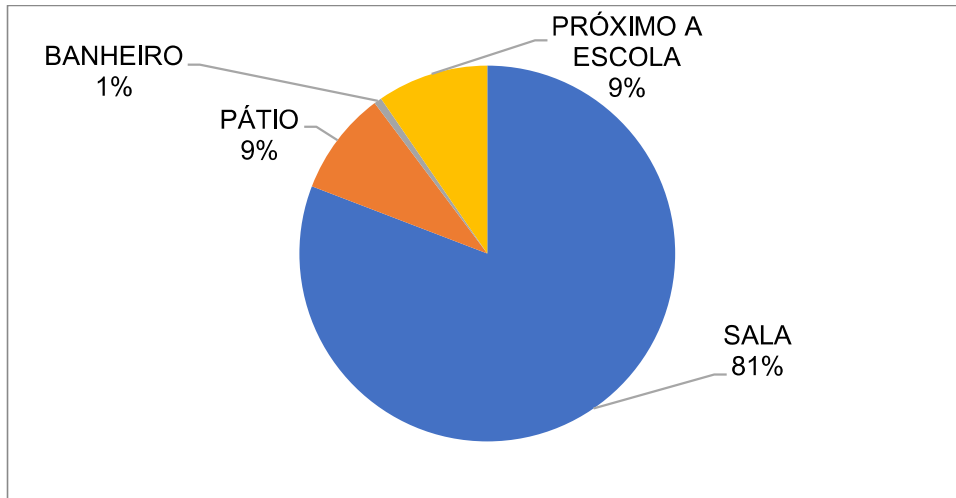
Gráfico 11 - Respostas obtidas por meio do questionamento: Caso tenha respondido SIM, em quais locais?



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Foi possível identificar através do gráfico que foi na escola que o indivíduo mais sofreu *bullying*. Soares (2014) em sua análise enfatiza que, é preciso que as escolas reconheçam a existência do *bullying* e, sobretudo, esteja consciente de seus prejuízos para a personalidade e o desenvolvimento sócio educacional dos alunos.

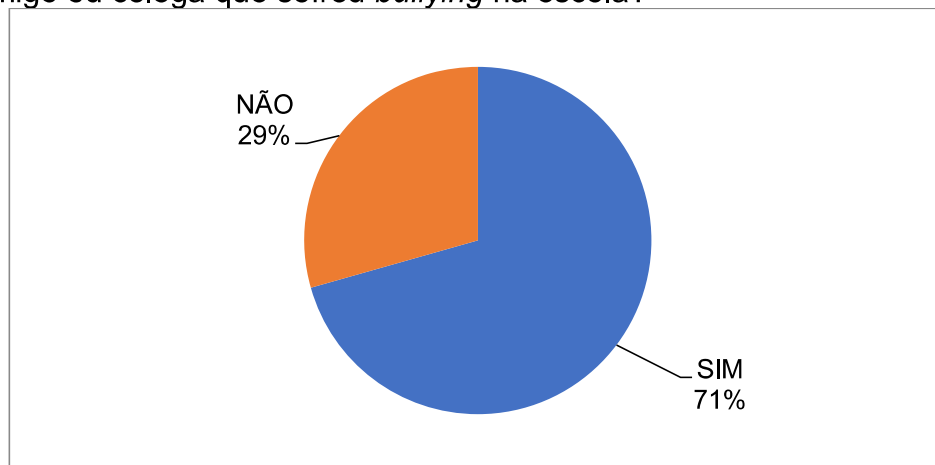
Gráfico 12- Respostas obtidas por meio do questionamento: Caso tenha respondido na ESCOLA, onde aconteceu exatamente?



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

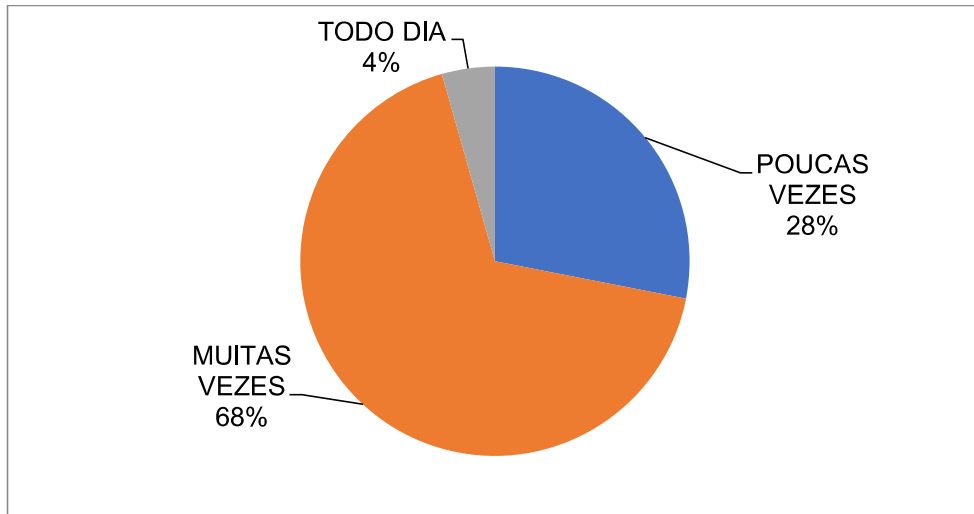
Diante das respostas à pergunta, verificamos que a maioria dos alunos já sofreu *bullying* e a sala de aula como espaço de *bullying*. Esses dados nos fazem ficar em estado de alerta e nos questionarmos: Será se a escola pensa em tais acontecimentos no âmbito do Projeto Político Pedagógico – PPP e da prática pedagógica? Importa, também, lembrar que a maioria dos casos ocorridos em sala de aula, infere dizer que muitos docentes deixaram de intervir em situações de *bullying*.

Gráfico 13 - Respostas obtidas por meio do questionamento: Você já presenciou algum amigo ou colega que sofreu *bullying* na escola?



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

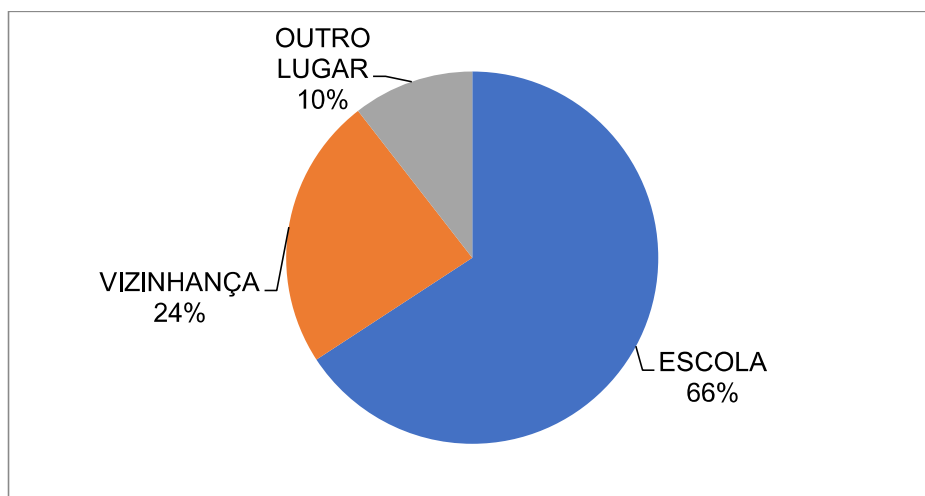
Gráfico 14 - Respostas obtidas por meio do questionamento: Caso tenha respondido SIM a questão anterior, quantas vezes presenciou?



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

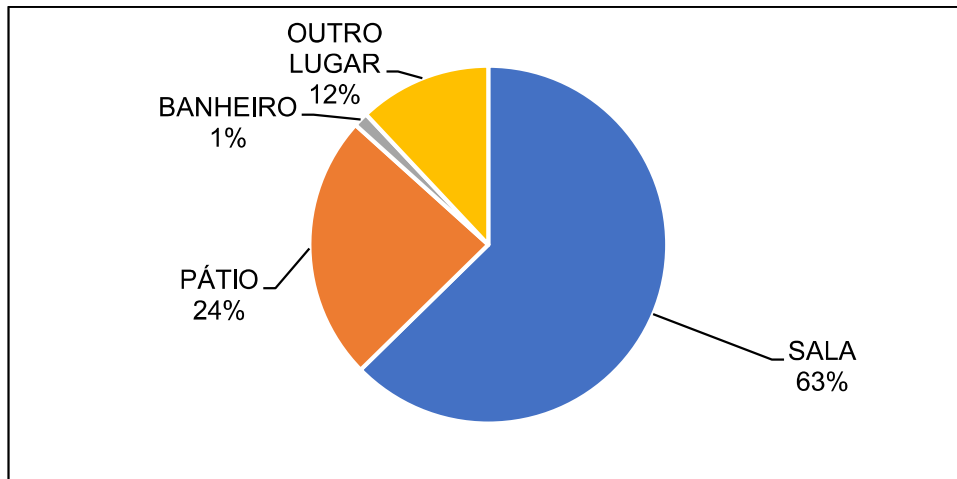
Os gráficos são emblemáticos no que se refere à violência na escola. Em torno de 70% dos estudantes afirmaram ter presenciado e, com recorrência, o *bullying*. Lembramos aqui, segundo as pesquisas sobre a temática, que a maioria das vezes as testemunhas não denunciam os agressores, como também não denunciam o ocorrido. E, além dos agressores, há testemunhas que compactuam com situações, o que de certa forma estimula ainda mais o agressor a continuar a praticar o *bullying*.

Gráfico 15 - Respostas obtidas por meio do questionamento: Das vezes que você presenciou, em que lugar aconteceu?



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

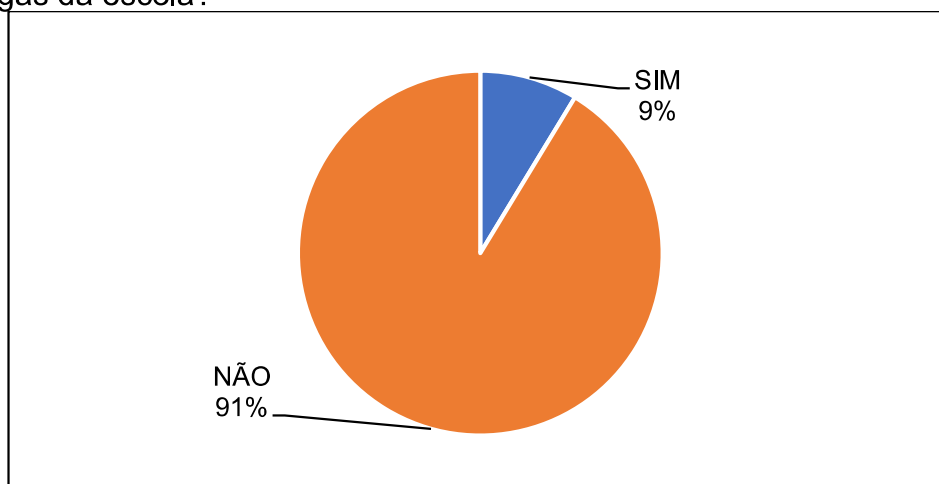
Gráfico 16 - Respostas obtidas por meio do questionamento: Caso tenha respondido na ESCOLA, onde aconteceu?



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Os gráficos ilustram a prática do *bullying* na escola. Os estudantes, a maioria, neste caso, presenciaram colegas praticando *bullying*. Registramos, ainda, que os discentes afirmam que na maioria das vezes os agressores não são sempre os mesmos, esta informação nos leva a pensar sobre a cultura de violência nas escolas e, portanto, a urgência na construção de políticas educacionais específicas para enfrentar o problema do *bullying* e, também, a elaboração de programas pedagógicos para a promoção da cultura da não violência.

Gráfico 17 - Respostas obtidas por meio do questionamento: Algum professor já lhe fez alguma brincadeira e que você se sentiu ofendido e foi motivo de chacota diante dos colegas da escola?



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Percebemos que a maioria dos professores não é responsável pelas situações de *bullying*. Porém, é preocupante que existem alguns docentes que presenciaram o *bullying* em sala de aula e não apresentaram atitude para intervir na situação. Lembramos aqui, que a maioria dos docentes respondeu ter participado de capacitações envolvendo o tema.

Um dos discentes se expressou da seguinte forma em seu questionário:

O professor colocou o apelido em mim e depois desse dia os outros alunos vivem de gozação comigo. O professor veio me pedir desculpas, dizendo que foi só uma brincadeira e que não é motivo de eu me ofender, mesmo assim já não sinto vontade de assistir a aula desse professor (Questionário do estudante, 16).

Os educadores precisam, primeiramente, desconstruir a naturalização do *bullying* como prática cultural da escola, desconstruir, também, as suas percepções sobre a prática do *bullying*. E, ainda, não menos importante, pensar e desenvolver práticas, ações e projetos que visem o bem estar físico e emocional dos alunos, proporcionando uma educação de qualidade lutando contra qualquer forma de preconceito e violência, em especial a prática do *bullying* (MARTINEZ, 2011).

3.3. *Bullying* e escola: desafios políticos e pedagógicos

Diante de dados obtidos pela pesquisa de campo realizada na escola, especialmente a partir dos dados apurados a partir dos questionários, afirmamos que o *bullying* na escola se constitui como um problema que precisa ser debatido e enfrentado pela escola. Podemos, assim, dizer que as percepções da escola, informada por docentes e discentes, apresenta diversas informações para afirmamos que o *bullying* é um problema.

O problema do *bullying* na escola, conforme a pesquisa apontou, possui desafios políticos e pedagógicos para enfrentar a violência escolar. Estes desafios precisam ser assumidos e debatidos nas escolas, assim como, nos Sistemas Municipais e Estaduais de Ensino, além de abranger todos os níveis e modalidades de ensino e, principalmente, a implementação de políticas específicas para o enfrentamento do *bullying* e, ainda, a sensibilização da gestão escolar.

Registramos, ainda, que os dados aqui apresentados representam uma parcela pequena, mas significativa de sujeitos escolares. E, ainda, consideramos que as percepções aferidas se encontram em processo de construção, haja vista o espaço reduzido de discussões e ações pedagógicas acerca do *bullying* desenvolvidas na

escola. Além disso, a escola deve fazer um registro de toda e qualquer reclamação identificando os agressores e vítimas do fato, para que posteriormente possa se embasar em práticas, projetos e desenvoltura pedagógica sobre o tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *bullying* está presente na escola. Ele ocorre de diversas maneiras nas instituições de ensino e a escola estudada, nesta pesquisa, não difere, infelizmente, desta realidade. A escola tem por objetivo ensinar os conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade, promover aprendizados, mas, também, precisa trabalhar valores e princípios éticos. Dessa forma, os estabelecimentos de ensino devem ser um ambiente que trabalhe contra todos os tipos de violência, de injustiça ou de desigualdades.

Esta pesquisa foi fundamental para investigar a percepção dos docentes e dos discentes da Escola Reitor Ribamar Carvalho, no município de Codó - MA, acerca do tema *bullying*, como também, compreender como eles lidam com esse problema no ambiente escolar. A partir do estudo realizado, podemos dizer que a escola não pode deixar esse problema se alastrar, considerando apenas como “brincadeiras” esses fatos que acontecem diariamente dentro da escola.

De modo geral, a pesquisa mostrou que os docentes e os discentes, ainda possuem muitas dúvidas acerca do *bullying* e, ainda, possuem certa resistência para falar sobre o tema. E, tal situação é preocupante, principalmente, porque foi triste saber que mais da metade dos estudantes já sofreram *bullying* e, que mesmo assim, não conseguem ajudar ou impedir que outro colega sejam vítimas.

No que se refere a este problema, importa pensar na prática pedagógica acolhedora por parte dos docentes, Mas, também, por parte da comunidade escolar, pais, responsáveis, gestão e funcionários da escola. Acreditamos, portanto, na relevância deste trabalho, de analisar o *bullying* no contexto da escola e, a partir dessa pesquisa pensarmos propostas políticas, pedagógicas e culturais para enfrentar a violência, neste caso, o *bullying*.

A existência do *bullying* na escola, conforme analisado neste estudo, é extremamente prejudicial a todos os envolvidos, principalmente as vítimas – os estudantes. E, o *bullying* produz consequências nefastas à saúde física e psicológica de suas vítimas e a escola precisa e pode trabalhar pedagogicamente este problema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, D. C. & ZUIN, A. A. S. “ **Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação**”. *Revista Psicologia e Sociedade*, 20 (1), 33-42, 2008.
- BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. As implicações do *bullying* na autoestima dos adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. São Paulo. v. 14. n. 1, p. 131-138, 2012.
- BERGER, K. S. Update on *bullying* at school: Science forgotten? **Developmental Review**, v. 27, p. 90-126, 2007.
- BLAYA, Catherine. Violência e maus tratos em meio escolar. Instituto Piaget, 2006.
- CARVALHOSA, Susana Fonseca de. LIMA, Luísa e MATOS, Margarida Gaspar de. **Bullying**: a provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Aná. Psicológica*, nov. 2002, vol.20, no.4, p.571-585. ISSN 0870-8231.
- CONSTANTINI, A. *Bullying*: Como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre os jovens. Tradução Eugênio Vinci de Moraes – São Paulo: Itália Nova editora, 2004.
- COSTA, Luiza Carla da. O *bullying* na escola: análise de uma instituição pública de ensino médio da cidade de Caicó-RN. - CAICÓ: UFRN, 2018. 38f.: il.
- COUTO, B. R. Formulação de projeto profissional de trabalho. In: CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL (Org.). Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS/Abepss, 2009. p. 651-663.
- FANTE, C. **Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2ª ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.
- FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar**: perguntas & respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 38.
- FERNANDES, Raquel de Medeiros. **Bullying no ambiente escolar**. Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte Centro De Educação Curso De Pedagogia À Distância – Macau – RN, 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LISBOA, C.S.M.; KOLLER, S.H. 2004. **Interações na escola e processos de aprendizagem: Fatores de risco e proteção**. In: A. BZUNECK; E. BORUCHOVITCH (eds.), Aprendizagem e escola. Petrópolis, Vozes, p. 201-224.
- LOPES NETO, Aramis Antônio. **Bullying**: saber identificar e como prevenir. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MARTINEZ, F.W. **Bullying no ambiente Escolar**: a importância de intervir. 2011. Monografia (Especialização em Saúde para Professores do Ensino Fundamental e Médio) – Universidade Federal do Paraná.

MATOS, Margarida et al. Violência, bullying e delinquência, gestão de problemas de saúde em meio escolar. Lisboa: Coisas de Ler, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (ORG.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 30.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MONTEIRO, L. O que todos precisam saber sobre o Bullying. Jornal Jovem, nº 11, setembro de 2008. Disponível em: <http://www.jornaljovem.com.br/edicao11/convidado03.php>.> Acesso em: 21/01/2020.

OLWEUS, D. **Bullying at school**. Oxford USA: Blackwell Publishing, 1993.

PEREIRA, B. O. **A violência na escola – formas de prevenção**. In. B. Pereira, A. P. Pinto (eds), A escola e a criança em risco – intervir para prevenir, Edições Asa, 17-30, 2001.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação Para a Ciência e Tecnologia, 2ª Edição, 2008.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência**: Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Porto, Portugal: Imprensa Portuguesa, 2002.

PEREIRA, Sônia Maria de Souza. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Paulus, 2009

POLATO, A. Violência é produzida na escola sim. Revista Nova Escola. Disponível em . Acesso em 02 de Abril de 2020.

SALMIVALLI, Christina et al. Bullying as a group process: participant roles and their relations to socialstatus within the group. Aggressive Behavior, v. 22, p. 1-15, 1996.

SILVA, A. B. B. **Bullying: Cartilha 2010- Projeto Justiça nas Escolas**. Brasília, 2010.

SILVA, G. J. Bullying: quando a escola não é um paraíso. **J.Mund Jov.**, n.364, 2006.

SMITH, Peter; SHARP, Sonia. School bullying: insights and perspectives. London: New York: Routledge, 1994.

SOARES, Kelly Cristine da Cruz. **O BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR**. 2014.

SWEARER, Susan & ESPELAGE, Dorothy & VAILLANCOURT, Tracy & HYMEL, Shelley. (2010). What Can Be Done About School Bullying? Linking Research to

Educational Practice. Educational Researcher. 39. 38-47.
10.3102/0013189X09357622.

VILA, Carlos; DIOGO, Sandra. Carlos. BULLYING - ISMAT – Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes – Portimão (Portugal). 2009.

XAVIER, Gessika de Almeida Brandão. O *Bullying* e Suas Manifestações no Ambiente Escolar– O Trabalho para o Desenvolvimento de Uma Postura Humanística – Universidade de Brasília – UnB –Brasília, 2015.f. 33:

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está convidado(a) a participar de um estudo acadêmico intitulado: BULLYING E EDUCAÇÃO: PERCEPÇÕES E DESAFIOS POLÍTICOS-PEDAGÓGICOS NA ESCOLA PÚBLICA, que tem como objetivo principal, compreender como os docentes e discentes percebem o bullying no ambiente escolar.

O estudo será realizado pela estudante ANA GLIZELDA OLIVEIRA DA SILVA, do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais/Biologia, da Universidade Federal do Maranhão–UFMA/Campus VII-Codó e, orientado pelo professor Dilmar Kistemacher, da mesma instituição.

As interações precisam ser registradas em diário de campo e a coleta de dados será realizada por meio da aplicação de questionários. O registro dos dados de pesquisa são importantes para que eles possam ser analisados adequadamente. Assim, enquanto gestão da escola, solicitamos a sua anuência em realizar a pesquisa à junto a escola.

A participação no estudo não acarreta ao entrevistado(a) nenhum tipo de risco. O anonimato de todas as pessoas que participarão da pesquisa será devidamente preservado, bem como os nomes que forem mencionados durante as interações, de modo que os participantes não sejam identificados. A participação nesta pesquisa é voluntária, tendo o participante o direito pleno de se recusar a participar ou de se retirar da pesquisa a qualquer momento do processo, sem que acarrete alguma forma de penalidade. E, ainda, o participante poderá optar por excluir total ou parcialmente alguma gravação, se assim o desejar.

Em caso de dúvidas relacionadas ao presente estudo e ao andamento da pesquisa, o participante poderá entrar em contato com a aluna-pesquisadora pelo telefone:(99) 98227-3999, ou através do mail: glizeldafc@gmail.com.

Você recebeu uma via deste documento e que ficará em seu poder. Desde já registramos o nosso agradecimento por sua colaboração na realização deste projeto de pesquisa, ressaltamos que os resultados do estudo nos ajudarão a compreender melhor o tem em estudo.

Atenciosamente,

ANA GLIZELDA OLIVEIRA DA SILVA.

UFMA/Codó.

CONCORDÂNCIA EM PARTICIPAR DA PESQUISA

Eu, _____, dou anuência para a realização do estudo descrito acima.

Assinatura do participante: _____.

Assinatura da estudante - pesquisadora: _____.

Data: ____ / ____ / _____

**BULLYING ESCOLAR: REPRESENTAÇÕES DOCENTES E DISCENTES DA
ESCOLA REITOR RIBAMAR CARVALHO, CODO-MA**

QUESTIONÁRIO PARA DOCENTES

Tempo de serviço (magistério): _____ Sexo: ()M ()F () Outros
Disciplina que ministra: _____

1. Você já participou de algum evento ou capacitação com o tema *bullying*? () S
() N
2. Marque o nível de conhecimento sobre *bullying* que você considera que tem?
() 1 () 2 () 3 () 4 () 5
3. Sobre a incidência de *bullying* na/s sua/s escola/s?
() nulo () raro () esporádico () frequente
4. Você considera que já **cometeu** *bullying* NA SUA ÉPOCA DE ESCOLA?
() S () N
5. Você considera que já **SOFREU** *bullying* na sua época de escola?
() S () N
6. Você considera que já **cometeu** *bullying* COMO PROFESSOR com algum aluno?
() S () N
7. Em sua opinião o *bullying* vem crescendo no ambiente escolar?
() S () N
8. Algumas pessoas afirmam que *bullying* é coisa de um tempo em que as pessoas estão "mais cheias de frescura", "sensíveis", pois antigamente as pessoas brincavam normalmente e ninguém reclamava. Você concorda com essa afirmação?

() De forma alguma () Parcialmente () Totalmente

Por que? _____

9. Você já "protegeu" ou "acolheu" ou "ajudou" algum aluno/a vítima de *bullying* enquanto professor?
() S () N

Por que? _____

10. Como você considera que sua escola está em relação à prevenção e enfrentamento ao *bullying*?

11. Por gentileza registre aqui suas impressões gerais acerca da temática.

De já agradecemos sua colaboração!

BULLYING ESCOLAR: REPRESENTAÇÕES DOCENTES E DISCENTES DA
ESCOLA REITOR RIBAMAR CARVALHO, CODÓ/MA

QUESTIONÁRIO PARA DISCENTES

Série/ Ano: _____ Sexo: () M () F () Outros
Idade: _____

1. Você sabe o que é *bullying*? () SIM () NÃO

O QUE É _____

2. Você já sofreu *bullying*? () SIM () NÃO

2.1. Caso tenha respondido SIM, em quais locais? () ESCOLA () EM CASA
() OUTRO LUGAR

2.2. Caso tenha respondido na ESCOLA, onde aconteceu exatamente?
() Sala () Pátio () Banheiro () Nas proximidades da escola.

3. Você já presenciou algum amigo ou colega que sofreu *bullying* na escola? ()
SIM () NÃO

3.1. Caso tenha respondido SIM, quantas vezes você presenciou?

() POUCAS VEZES () MUITAS VEZES () TODO DIA

3.2. Onde aconteceu? () NA ESCOLA () VIZINHANÇA () OUTRO LUGAR

3.3. Caso tenha respondido NA ESCOLA, onde aconteceu?

() SALA () PÁTIO () BANHEIRO () OUTRO LUGAR

4. Você já cometeu ou comete *bullying*? () SIM () NÃO

4.1. Caso tenha respondido SIM, qual tipo de violência fez contra o colega?

() ameaçou () bateu ou empurrou () excluiu ou isolou () colocou apelidos
() roubou ou destruiu objetos () outros _____

5. Algum professor já lhe fez alguma brincadeira que se sentiu ofendido e foi
motivo de chacota diante dos colegas da escola? () SIM () NÃO

6. Em sua opinião, o que ocasiona o crescimento do Bullying no ambiente
escolar?

Desde já agradecemos sua colaboração!